

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

**Entre rastros e histórias: narrativas ficcionais e clínica com mulheres**

Ana Caroline Ongaratto de Oliveira

Porto Alegre

2022

Ana Caroline Ongaratto de Oliveira

**Entre rastros e histórias: narrativas ficcionais e clínica com mulheres**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Analice de Lima Palombini.

**Comentadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gislei Domingas

Romanzini Lazzarotto.

Porto Alegre

2022

## **Resumo**

A presente escrita aborda a metodologia da narrativa ficcional para pensar a pesquisa em Psicologia e sua relação com a clínica, sendo o campo problemático principal a clínica com mulheres, com a construção de narrativas que reverberam a intensidade dos encontros a partir da experiência de escuta da pesquisadora. Cenas que se reforçam e se diferenciam, repetições que apontam para o caráter histórico e contextualizado dos processos de sofrimento psíquico, indissociáveis das relações de gênero, raça e classe e pelos estigmas acerca da loucura. A aposta é de que a ficcionalização permite operar na complexidade das questões, sem buscar uma interpretação objetiva e absoluta. Com isso, emergem problemáticas acerca do cuidado em saúde mental na sua relação com a escrita, entendendo que há uma escolha política na forma como se narra os casos clínicos que reflete diferentes entendimentos sobre o sujeito e as formas de subjetivação.

**Palavras-chave:** narrativa ficcional, clínica, violência de gênero, escrita.

## Sumário

1. Um avião cruza o céu, livre .....	5
2. É muita dor para um corpo só .....	8
3. Bloco de notas .....	17
4. A escrita ficcional como método: algo vibra no limite das bordas .....	19
5. Algumas (in)conclusões .....	27
6. Referências .....	29

## **Um avião cruza o céu, livre**

Eu nunca tinha sido atropelada, mas, se fosse, algo da dor que eu sentia agora devia se parecer com isso. Ossos quebrados, ligamentos rompidos, pele ralada, esse tipo de coisa. Um impacto tão forte que parece sugar toda a força do planeta e, ao mesmo tempo, a incredulidade de que o corpo humano fosse capaz de aguentar tamanho impacto sem se desintegrar no ar.

Na verdade, parando para pensar, acho que muito da minha vida tinha algo a ver com a imagem de um acidente de carro, ou pelo menos a fantasia que eu fazia a partir das cenas que vi na TV. Os segundos de desespero que antecedem a batida, que eu duvidava que trouxessem flashbacks coerentes da nossa vida, achava que tinha mais a ver com milhares de imagens sem sentido, que vêm quando você percebe o que está por vir, mas não consegue se proteger nem impedir de acontecer. Já nem sei se nessa fantasia me imagino como quem dirige ou quem está de carona ou quem é atropelado - o choque deve ser o mesmo.

Talvez eu estivesse fazendo drama. É o que a minha mãe diria, se me visse agora. Deitada na cama, com as janelas quase totalmente fechadas, o cabelo enredado preso em um coque meio frouxo, o copo com água e as cartelas de comprimidos do lado da cama. Ela diria que eu estava fazendo corpo mole, deixando a preguiça tomar conta. Mas eu queria ver se fosse ela com esse gesso na perna, que coçava e apertava, me deixava com vontade de chorar de incômodo, nem tanto de dor.

Se não fossem aquelas malditas crianças, eu não estaria assim, mãe. Se elas não tivessem derramado aquele líquido gosmento no chão, escondendo-se atrás das pilastras para observar enquanto eu me estatelava no piso do saguão feito uma tonta. As risadas maldosas e cúmplices transformaram a dor em vergonha, e depois em raiva, quando eu entendi que minha perna quebrada fora parte de uma brincadeira idiota de um bando de moleques de férias. Depois da raiva, veio a humilhação, quando eles saíram correndo para evitar a descoberta, e fiquei longos minutos esperando que alguém passasse para poder pedir ajuda, com a perna e o resto do corpo queimando de dor.

Não era a primeira vez que aprontavam algo assim. Será que eles tinham algum tipo de aposta, para ver quem atormentava mais a louca do 102? Eu sabia que era assim que me chamavam, provavelmente não só as crianças, mas também suas mães, que ficavam em silêncio toda vez que eu passava por suas rodinhas de fofoca no pátio do prédio. Ano passado, tinham esvaziado alguma lixeira na frente da minha porta, passei semanas sentindo aquele cheiro podre, mesmo depois de me livrar até do tapete. Talvez o pior dos desaforos foi o dia em que eu atravessava o pátio para chegar no meu bloco, quando senti um baque

molhado no topo da cabeça. As cascas do ovo se juntaram à gema em uma mistura nojenta no meu cabelo, e, quando olhei para cima, só vi pequenas cabeças se escondendo rapidamente.

Meus olhos se encheram de lágrimas, novamente por raiva, mas não só. Também passei semanas sentindo um cheiro estranho, que se alojava nos cantos mais obscuros da minha mente, às vezes me deixava enjoada, às vezes triste. Minha irmã achava besteira quando eu dizia que as emoções tinham cheiro, gosto, cor. Que os sentidos se embaralham com os pensamentos e dão um jeito de se mostrar. Nunca senti solidão mais forte do que naquele dia.

Eu não sabia bem como e quando o apelido de louca do 102 havia se grudado à minha carne, estampado na minha testa toda vez que eu pisava fora do meu apartamento. Suspeitava que fosse a vizinha de baixo, uma das únicas com quem fiz esforço para conversar e com quem achei que poderia nutrir algum tipo de amizade. Pra ela, contei, entre várias coisas, do tempo que passei internada. Dos vários tempos, na verdade. Algumas semanas depois, os cochichos começaram, as palavras ditas baixinho por quem se engana demais da própria lucidez.

Admito que eu também não facilitei a situação. Louca? Pode ser. Mas não sem algum senso de humor. Se iam se afirmar às minhas custas, que eu me divertisse às custas deles. Quando alguém enchia minha paciência com conversas toscas, eu saía sem dar bola para as regras básicas de educação interpessoal. Quando vi que algumas crianças espichavam a cabeça para olhar para dentro da minha casa, comecei a deixar a luz baixa, andando de camisola branca e cantarolando ou falando em voz alta, até que decidia virar a cabeça e encontrar os olhos de um deles, que sempre saíam correndo com medo sei lá do quê.

Não sei o que veio primeiro, o estereótipo ou minha reação a ele. Pelo menos assim, mesmo ficando em silêncio, não me sentia tão oprimida pelo peso das palavras que não saíam, entaladas parecia que à força para que não incomodassem a preciosa razão alheia e manchassem as janelas grossas que exibiam vidas supostamente normais e imaculadas.

Será que minha mãe era chamada de louca?

Ela era a pessoa mais esperta que eu conhecia. Sabia fazer um pouco de tudo, porque sempre teve que fazer um pouco de tudo. Quando eu era bem pequena, ficava olhando enquanto ela cozinhava na companhia da minha irmã mais velha, tentando me mostrar ocupada para que ela não me chamasse pra ajudar. Ela se mexia rápida pela cozinha, às vezes saindo para fazer alguma outra coisa, mas sempre checando as panelas para garantir que o almoço estivesse pronto na hora em que meu pai e meus irmãos voltassem da roça.

Será que minha mãe era chamada de louca?

Ela falava de um jeito bravo, embora raramente levantasse a voz para alguém. Com o meu pai, muitas vezes sussurrava, pedindo para que se acalmasse e parasse de xingá-la por ter feito qualquer coisinha que o tivesse desagradado. Quando ele levantava a mão, ela baixava ainda mais o tom, como se assim pudesse diminuir o baque do tapa. Quando ele a deixou estatelada no chão, sangrando, ela não emitiu nenhum som.

Será que minha mãe era chamada de louca?

Foi meu tio quem insistiu para que ela fosse até a polícia, uma ideia que me pareceu estranha na época. Eu via que meu pai estava cada vez mais violento, mas não acreditava na ameaça de que ele fosse capaz de matar minha mãe, como o tio dizia. Mas esse dia quase chegou. E quem chamou a polícia fui eu, sem saber o que mais fazer. Eu lembro desse dia como se fosse hoje, porque era o aniversário da minha melhor amiga e vizinha. Ela e a família moravam há pouca distância da nossa casa, eram mais pobres do que nós, hostilizados pela vila por não terem a pele branca como a maioria, inclusive eu e minha família. Quando a polícia estava a caminho da nossa casa, a mãe dela saiu correndo pela porta da frente, com hematomas pelo corpo. Os dois foram enfiados no carro e levados pela estrada de chão que ia para a cidade. O pai dela não voltou mais.

Minha mãe adorava balões. Não balões de festa, mas balões de ar quente, estampados em uma foto de revista que ela viu em algum lugar. Ficou encantada com aquilo, falando em voz alta - não sabia se falava com a gente ou consigo mesma - sobre como deveria ser voar, subindo pelo céu, sem pressa de voltar para a terra. Achava os aviões sem graça, mas eu via seu encanto se via algum voando na TV, fascinada pelas nuvens. Nunca chegou a andar de avião. No final de sua vida, quando estava bem doente, eu costumava levar um aviõzinho de papel para ela toda vez que ia visitá-la. Ela guardava todos, que começaram a se acumular na cama e no chão e na mesinha de cabeceira, e eu brincava que ela estava construindo o próprio aeroporto.

Eu também nunca andei de avião. Mas quando consegui comprar minha casinha, escolhi o prédio que ficava mais ou menos perto do aeroporto, perto o suficiente para que eu pudesse enxergar os aviões atravessando a cidade. Às vezes eu saio do meu apartamento para ficar parada no pátio, esperando algum passar. Nesses momentos não me sinto exposta nem com medo de sofrer algum assédio dos meus vizinhos. Me sinto livre, intrigada com a vida. Acho que era assim que minha mãe se sentia quando pensava nos balões, no vento no rosto e na vista se estendendo por todos os lados.

## **É muita dor para um corpo só**

Cláudia abre os olhos para a penumbra morna da manhã, com a claridade fraca que entra pelas cortinas fechadas. Se sente meio grogue, por causa do remédio forte que tomou para conseguir dormir; depois de muitas tentativas, esse foi o único capaz de aplacar as enxaquecas fortes de que padece de vez em quando, que a deixam enjoada de dor e sem conseguir levantar da cama. Será que agora vai passar de vez? Mesmo o alívio desejado vinha acompanhado da desconfiança de que a qualquer momento seria tomada por uma dor tão forte que a fazia esquecer como era não senti-la, como se alguém aumentasse o volume de uma música aos poucos até que a batida tomasse conta de tudo, parecendo ter se infiltrado pra dentro de seus ossos.

Depois de alguns instantes, se localiza melhor no tempo e no espaço, lembrando que precisa sair para ir ao mercado. Levanta e se olha no espelho do banheiro, notando como sua pele branca parecia mais pálida, talvez devido aos dias em que não saía de casa. O relógio marca onze e meia da manhã. O marido já está no trabalho, a filha também. Não lembra a última conversa que teve com eles ontem; estava com tanta dor que até seus ouvidos doíam, teve que se fechar no quarto para fugir da luz e do som. A dor é temperada com a culpa de não conseguir estar com a sua família, ou a culpa de não querer estar com eles porque não queria se sentir cada vez mais longe, mais apática, mais fracassada como mãe e esposa.

Cláudia não lembrava se em algum momento tinha se sentido satisfeita com a forma como desempenhava as funções que a vida lhe impunha - filha, aluna, trabalhadora, esposa, mãe, nora. Os fios que atavam sua existência às pessoas ao seu redor às vezes pareciam de aço, puxando-a em direções diferentes com tanta força que era difícil se equilibrar e se manter inteira. Quando conseguia se equilibrar, tropeçava, a ponto de questionar se havia algo de errado com ela... Se sentia fraca, incapaz de dar conta de tudo o que a vida exigia dela, com inveja de quem parecia tão confortável e feliz na própria pele.

Sua relação com a própria família sempre foi distante, a mãe mal tinha tempo para ela, uma vez que passava praticamente o dia inteiro trabalhando, tentando sustentar a ela e seus dois irmãos; o pai, uma figura distante que de vez em quando aparecia para justificar sua ausência, para em seguida desaparecer novamente. Suas melhores lembranças foram na escola; gostava da atenção que recebia da professora, dos elogios que a faziam se sentir especial e que achava ser algum tipo de garantia de que um futuro brilhante a esperava. Descobriu, com o passar dos anos, que as promessas se dissolvem no ar com tanta facilidade quanto o murchar de uma planta sem água.



Quando saiu da escola, tinha planos de seguir os estudos, talvez se matricular em um curso técnico. Mas, então, descobriu que estava grávida - para desgosto de sua mãe - e teve que arrumar um trabalho às pressas como vendedora em uma loja de roupas. Veio um dos períodos mais sofridos de sua vida. O seu namorado da época, pai de sua filha, decidiu que aquilo era “demais pra ele” e foi embora, deixando-a sozinha na casa, tendo perdido também o pouco contato que tinha com a família porque tinha sido *descuidada* ao engravidar.

Cláudia não gostava de lembrar desse tempo, mas também não conseguia esquecer. Sentia um peso cada vez maior sobre si e cada vez menos vontade de continuar. O choro da sua bebê, o cansaço absurdo e o esforço que precisava fazer para conseguir levantar da cama e realizar as tarefas mais básicas; sentia-se sozinha demais. Tinha noites terríveis, mal dava conta de cuidar da filha, e assim não sobrava energia para cuidar de si mesma. Nem se recordava direito como a vizinha, que era sua única rede, a levou para o posto de saúde, de onde foi encaminhada para a emergência psiquiátrica. Lá, lembra de contar para alguém o que sentia, a angústia dilacerante que lhe apertava o peito e os momentos em que pensava em desistir de tudo. Quando disseram que seria indicado que ela passasse alguns dias em uma internação, até que estivesse estável para ir para casa, Cláudia negou. Não sabia muito bem como era uma internação, se ajudaria ou não, seu único pensamento foi que não poderia ficar tanto tempo afastada da filha.

Quando conheceu o marido, já estava um pouco melhor, e ficou feliz por encontrar alguém para dividir o peso do cotidiano, para cuidar dela e da filha. Contudo, os primeiros anos do relacionamento foram conturbados; ele era extremamente ciumento, não deixava Cláudia sair de casa ou ter qualquer tipo de contato com outros homens. Ela passou meses sem ir além do portão sozinha, esgotada das brigas e de ter que estar constantemente se explicando sobre cada coisinha que fazia. Pensava constantemente em ir embora - mas para onde? Ela não trabalhava mais, e o benefício que recebia era insuficiente para mantê-la e à filha.

Foi mais ou menos nessa época que as dores começaram, somando-se ao cansaço persistente que deixava seu corpo pesado. Os dias se arrastavam, ela não via a hora de que a noite chegasse para poder deitar e deixar a exaustão tomar conta de si. A noite virava dia, mas ela seguia deitada no escuro do quarto; seu corpo inteiro doía, até os mínimos movimentos pareciam a ponto de despedaçá-la. Com um esforço que parecia descomunal, levantava para tomar banho, fazer comida, ficar com a filha e com o marido.

Havia dias bons, quando colocava música, dançava, sentia-se jovem e inteira. Às vezes se sentia muito forte, mas às vezes sentia que seu mundo ia desabar a qualquer

momento. Não sabia explicar o que diferenciava os dias bons dos ruins, não sabia prever quando eles iam acontecer. Quando buscou a médica do seu postinho de saúde, não sabia nomear de outra forma o seu sofrimento senão pelos sintomas que tinha. Contou de sua preocupação com sua condição, porque precisava estar bem para cuidar do marido e da filha. Ouviu da médica uma pergunta estranha: *E tu te sente, cuidada, Cláudia?* Constrangida, deu uma risadinha, tentando desviar do desconforto causado pela pergunta. *Ah, acho que ninguém dá muita bola pra mim não.* Foi encaminhada para uma psiquiatra e algumas conversas depois saiu de lá com uma receita e dois diagnósticos: depressão e fibromialgia. Os remédios ajudavam um pouco, não passava mais o tempo inteiro com dor; mas havia uma angústia que não passava, sentia-se frágil demais para dar conta de tudo que o mundo exigia dela. Quando falou sobre isso na consulta, para justificar seu pedido pelo aumento da dose, não saiu de lá com o aumento das medicações, mas com um encaminhamento para psicoterapia.

No início, era tão difícil falar de certas coisas que tinha vontade de sair correndo para baixo de sua cama, para tentar se sentir segura e protegida. Aos poucos, foi se sentindo acolhida para falar daquilo que a fazia sofrer, mesmo quando não sabia bem explicar o que sentia. Foi aí que conseguiu dar nome para a violência que sofria e para o comportamento do marido. Ainda demorou muito tempo para conseguir se autorizar a conversar com ele, com muito medo da reação que ele teria. Por sorte - era estranho pensar assim, mas é como lhe parece, como se tivesse uma chance igual de não ter sido assim - o marido escutou e, aos poucos, eles começaram a se abrir e falar sobre sua relação. Hoje, considerava que seu casamento era saudável. Sabia que não abriria mão de sua liberdade nunca mais, qualquer que fosse o preço.

\* \* \*

Maria tem uma seguidora fiel, que acompanha todos os seus passos como um cachorrinho carente, pisando nos seus calcanhares e fazendo-a apressar o passo para não tomar uma mordida. Pressa é o nome dela, a sensação que sente com tanta frequência que mal se dá conta do peso que tem, fazendo tudo para evitar a frustração de ter sido ultrapassada, por falhar em resolver as mil e uma tarefas que se acumulam como uma nuvem de chuva acima de sua cabeça.

Hoje, a pressa empurra seu corpo para a parada de ônibus, para chegar na consulta que tem no seu posto de saúde, na expectativa de finalmente receber uma explicação para as dores incapacitantes que sente no corpo todo, para as quais já fez exames infinitos sem nenhum resultado. A sacola que carrega está cheia de roupas, toalha de banho e outros itens que leva para dormir na casa da irmã à noite. Ela e os irmãos organizaram uma escala, para se

revezar nos dias em que cada um ficaria cuidando da irmã; na teoria, aquele não seria o seu dia, porém seu irmão avisou que não iria porque estava muito cansado do trabalho. *Maria, tu não trabalha, pode ir hoje pra mim, né?*, ele perguntou, ao que ela não teve resposta a não ser uma afirmação.

Alguns anos antes, a irmã havia sido diagnosticada com uma doença degenerativa, que trouxe problemas de mobilidade e outras complicações, o que exigia que tivesse cuidado constante, ainda que ela teimosamente negasse tal necessidade. Com isso, Maria e os irmãos passaram a incluir na rotina os dias da semana em que dormiam no quarto ao lado do dela, que esbravejava os mesmos protestos ranzinzas toda vez que via algum de seus irmãos, agora mais como um costume de alguém que reluta em ser cuidado do que como uma ofensiva real.

Eram difíceis os dois dias por semana que Maria dormia lá, principalmente porque em geral eles viravam três, até quatro - sempre se sentia na obrigação de cobrir os dias em que os irmãos não podiam. Ela não trabalhava, não tinha filhos, era justo que os ajudasse, certo? Mesmo quando tinha suas crises de dor - dores físicas, que pareciam chegar até as pontas do cabelo, mas que se emaranhavam com uma dor diferente, que a deixava desanimada e desgostosa de si e da vida -, tirava forças só Deus sabe de onde para assistir a família.

A proximidade com os irmãos era algo importante para ela, principalmente porque foi depois de muitos anos que conseguiu retomar o contato com eles. Quando Maria tinha nove anos, sua mãe faleceu por conta de um problema cardíaco; o pai, então, ficou responsável por cuidar de sete filhos pequenos, situação que foi agravada pelo seu uso abusivo de álcool. A alternativa que viu, naquele contexto, foi enviar as filhas meninas para trabalharem em casas de famílias mais ricas em outra cidade, e foi assim que Maria acabou se separando dos irmãos por boa parte de sua vida.

A primeira casa em que trabalhou foi um verdadeiro inferno. Trabalhava como babá, ela mesma ainda uma criança, recebendo alguns cuidados da senhora que trabalhava como doméstica. Mas a pior parte era outra: não lembra bem como começou, mas aos poucos foi percebendo olhares estranhos por parte de seu patrão, que se transformaram em piadinhas, em toques nas pernas e nas costas, em sugestões esquisitas de passeios de carro que ela, apesar de não entender exatamente, sentia medo na boca do estômago só de pensar em aceitar. Um dia, sem saber mais como fugir, contou para a senhora, que sigilosamente arranjou para que ela fosse em segredo para outra casa. Um tempo depois, Maria ficou sabendo que o plano havia sido descoberto por seus antigos patrões, e a senhora, demitida, sem que ela pudesse agradecer um dos únicos gestos de proteção que alguém fizera por ela.

Ela seguiu trabalhando como babá por muitos anos, até se aposentar. Infelizmente, não foram poucas as situações de assédio pelas quais passou, e de outras violências por parte de seus empregadores. Lembrou de vezes em que foi chamada nas primeiras semanas, até nos primeiros dias, e ouviu frases como *Maria, gostamos muito de você, mas...* Às vezes recebia uma explicação para essa mudança de ideia, porém muitas vezes lhe era dada apenas uma desculpa rasa como forma de encerrar logo o assunto.

Muitas vezes não era preciso desculpa nenhuma. Recordava uma situação em que, pelo telefone, havia feito todas as combinações com uma mulher que buscava alguém para cuidar de seu filho e que disse estar interessada nela por causa de suas referências e experiência. Contudo, no primeiro dia em que Maria bateu na porta para se apresentar, a postura da mulher mudou completamente, e logo ela disse que houve um mal entendido, não estava mais precisando de alguém. Situações assim se repetiram muito ao longo de sua vida e, sendo uma mulher negra, tinha um bom palpite do que motivava aquelas rejeições.

Estava com vinte e poucos anos quando começou a ficar difícil sair da cama pela manhã. Não via sentido na vida, passava horas deitada sem conseguir dormir, e mesmo as tarefas mais básicas pareciam exigir um gasto de energia gigante. Tentava - e conseguia, grande parte do tempo - não transparecer seu sofrimento, principalmente nas suas atividades de trabalho, com medo de que perdesse o emprego. Uma amiga insistiu para que buscasse ajuda, e, embora não soubesse bem o que isso queria dizer, um tempo depois chegou a um psiquiatra que lhe prescreveu medicamentos para o tratamento da depressão.

Funcionou, em certa medida. Ela não queria mais desistir da vida, mas as horas que antes passava deitada olhando para o teto, agora passava dormindo. Algum tempo depois, conheceu um médico que trabalhava ali na sua unidade de saúde, que lhe apresentou para outras atividades que até então nem sabia que existiam. Fez arteterapia, meditação, terapia comunitária. Passou a participar de um grupo de música e a escrever poesias em um caderninho que sempre levava consigo, até declamou algumas delas para os colegas do posto.

\* \* \*

Enquanto Cláudia anda até a parada, acostuma-se ao ritmo febril da rua ao meio dia, as pessoas andando apressadas para chegar aonde quer que estejam indo. Esperando o ônibus, está Maria, que mora algumas ruas acima da sua. Elas se cumprimentam quando Cláudia se aproxima. *Por onde tu anda, mulher? Faz tempo que não te vejo por aí,* Maria diz, arrumando a sacola que traz no ombro. *Ah, sabe como é, minhas enxaquecas. Passei tão mal essa semana que nem saí de casa. Não que me falte coisa pra fazer,* uma risada forçada sai entre os lábios envergonhados. Sente que precisa justificar sua inércia, a culpa que sente por

não conseguir fazer as tarefas intermináveis em casa. Pelo menos, precisa afirmar que está ciente delas, que não é por preguiça que passa os dias no escuro sem falar com ninguém.

As duas engatam uma conversa casual, lembrando as inúmeras tarefas e compromissos dos quais precisam dar conta nos próximos dias. Maria conta sobre sua consulta médica, e a noite que vai passar com a irmã.

*Por que ela não mora com um de vocês, ou alguém se muda para a casa dela?* Cláudia pergunta. Antes que Maria possa responder, o ônibus chega, e as duas sobem rapidamente, achando dois assentos juntos em que sentam lado a lado. *Ah, a minha irmã é teimosa, não quer aceitar que não consegue mais ficar sozinha. Quando a gente tá lá ela nem conversa direito, não gosta de barulho, de rádio ligado, de TV. Acho que eu ia ficar louca se tivesse que ficar lá todos os dias,* Maria fala, ao que as duas riem um pouco.

*Meu sogro é assim também, teimoso, não aceita ajuda de ninguém,* Cláudia conta, lembrando das discussões que ouvia o marido ter com sua cunhada. *O meu marido quer contratar uma cuidadora pra ficar lá com ele, mas a irmã dele não quer, diz que sai caro demais, que é difícil achar alguém de confiança.* O tom de Cláudia fica um pouco mais ácido no final da frase, de forma talvez imperceptível para Maria. Ela se lembra de quando a cunhada, em um dos tantos almoços de domingo em que o futuro do sogro havia virado o assunto principal da refeição, sugeriu que Cláudia poderia ficar lá durante o dia, “pra ajudar”.

Na hora ficou sem reação, pois não esperava que a cunhada fosse jogar uma ideia dessas na sua cara; por sorte o marido logo interviu, apontando que essa solução não resolvia muita coisa, e o assunto seguiu sem que ela fosse convocada a responder. À noite, enquanto falava no telefone com sua irmã, Cláudia contou a cena com a indignação que sentiu diante da sugestão da cunhada. *Ela acha que eu não tenho o que fazer, é? O que eu ia fazer lá o dia todo? Ela quer me fazer de empregada, isso sim.*

Sabia que sua raiva tinha a ver com uma questão antiga: no fundo, sempre se sentiu julgada pela família do marido. Quando anunciaram o casamento, ela tinha sua filha pequena, e - embora o marido negasse de pé junto toda vez que falava com ele sobre isso - lembrava de sentir os olhares e ouvir os cochichos, que sugeriam que ela estava querendo tirar vantagem, para garantir seu sustento e de sua filha. Depois, ao longo dos anos, sabia, pelas sugestões supostamente inocentes como essa da cunhada, que ela ser dona de casa parecia apenas uma confirmação daquelas suposições.

*É, eu já fui cuidadora né, se ela precisar de alguém em tempo integral, tem que ter pelo menos três pessoas para ficar lá de dia, de noite, final de semana. Não sai barato mesmo,* Maria diz, lembrando de quantas famílias esperavam que ela trabalhasse dia e noite,

sem querer pagar um valor justo com a desculpa de que era tranquilo, que não tinha muita coisa pra fazer.

Elas continuam o assunto por alguns minutos, até que Cláudia se levanta quando o ônibus chega próximo a sua parada. Ela se despede de Maria, desce do ônibus, andando até o mercado. Enquanto faz as compras, segue pensando na sugestão da cunhada de que ela cuidasse do sogro; embora continue achando um absurdo, sente a vergonha e a culpa costumeiras ao pensar na imagem que a família do marido tem dela, a mesma que tentou dispersar no início da conversa com Maria.

\* \* \*

Maria olha para a médica esperando a explicação que segue o diagnóstico que acabara de receber: fibromialgia. Uma doença difícil de diagnosticar, por isso os incontáveis exames e consultas não foram eficientes para fornecer um resultado. A doutora prescreve medicamentos, preenche um encaminhamento para fisioterapia, para auxiliar na dor. Retoma algo que Maria dissera na primeira consulta, de que anos antes recebera um diagnóstico de depressão, para a qual não tomava nenhum medicamento. *É comum que a fibromialgia e a depressão andem juntas*, ao que segue falando que não há muito bem uma explicação para isso. *Será que tem a ver com algum trauma de infância?* Maria fala sem pensar, mas em seguida desconversa, sem querer entrar no assunto.

Na volta para a casa, Maria e Cláudia se encontram novamente no ônibus, com um aceno animado e surpreso, e retomam a conversa enquanto a tarde começa a virar noite. Maria conta da notícia que recebeu de sua médica, seguida pela surpresa em saber que Cláudia compartilha a mesma condição misteriosa. *É bom ter um nome pro que a gente tem, né?* Cláudia diz, sentindo um pouco de peso sair dos ombros ao ter alguém para falar sobre sua dor.

*Sim, nem me fala, não dá pra viver assim. É muita dor pra um corpo só!* Maria responde, lembrando das noites que passou sem dormir. Era pior quando estava na irmã, tinha que ficar quieta para não acordá-la, ou correr para atendê-la quando mal conseguia sentir seu corpo em meio a dor.

Elas engatam em uma conversa acelerada, comparando sintomas e estratégias que criaram para lidar com as dores. Maria fala da receita que a médica lhe dera, desejando que a medicação não tivesse muitos efeitos colaterais. *Eu demorei um tempão pra achar um remédio que não engordasse*, Cláudia diz, *Tô satisfeita com meu peso no momento, se eu engordasse eu ia me sentir mal e ia ficar pior.* Não comenta que teve que ajustar também as

medicações que tomava para a depressão; ainda se sente constrangida em falar sobre isso, como se estivesse inventando mais uma desculpa para a sua inércia.

O papo das duas é interrompido por uma vizinha que passa por elas a caminho do fundo do ônibus. Em uma troca rápida, ela dá notícias sobre a internação de sua mãe no hospital, que não apresentava sinal de melhoras. Quando a mulher se afasta, as duas tecem comentários solidários sobre a situação, e Cláudia conta sobre o cenário parecido que viveu com a sua própria mãe, que faleceu após meses internada no mesmo hospital.

*A gente que fica sente falta, mas não é justo com eles, ficar sofrendo tanto assim, diz. A minha mãe teve uma vida muito difícil, sabe, passou muito trabalho com o meu pai. Acho que eu nunca vi ela feliz, pelo menos agora descansou.* Lembra das noites em que dormia junto à cama de hospital, onde passou mais tempo do que qualquer um dos seus irmãos.

Elas descem juntas do ônibus, seguem pela rua que leva Cláudia para casa e Maria para a casa da irmã. No caminho param para conversar com outra vizinha, que se queixa da dificuldade da filha em arrumar emprego como cuidadora ou babá. *Eu digo pra ela pegar o que aparecer, mas ela não quer, reclama de tudo,* a vizinha diz, seguindo em um fluxo rápido de reclamações.

Maria não interrompe nem discorda da enxurrada irritada da vizinha, mas pensa para si que entende a cautela da menina em relação às propostas de trabalho. Nos seus anos de babá, e depois cuidadora, foram inúmeras as propostas absurdas que recebera, muitas das quais aceitou por necessidade.

*As pessoas acham que é um emprego fácil, mas lidar com a família dos outros é um pé no saco,* Maria disse para Cláudia, depois de se despedirem da vizinha. *É, se a família da gente já é difícil...*, Cláudia respondeu, lembrando da situação com o sogro. *Ainda mais ela, que é mocinha, não dá pra ir em qualquer coisa não. Tem muita gente que quer tirar vantagem.*

*Sim, tem que ficar esperta... Tem muito homem velho que é abusado, não é coitadinho não,* Maria diz, lembrando as muitas situações em que teve que se defender de assédio no trabalho. E também das vezes em que não conseguiu...

Seguem falando sobre os riscos de se trabalhar na casa de outras pessoas. Cláudia lembra de quando trabalhava e de ocasiões em que ela e outras amigas foram passadas para trás e se sentiram menosprezadas em suas opiniões ou capacidades. *É que a gente é mulher, ainda somos tratadas de forma diferente,* fala, e Maria concorda.

Elas se aproximam da casa de Cláudia - e param para se despedir com um abraço. *É isso então, minha amiga. Seguimos na luta. Boa sorte lá com a tua irmã.* Maria sorri e

responde: *Vê se não some, mulher. Boa noite.* E segue seu caminho, ajeitando a bolsa que carrega no ombro.



## **Bloco de notas**

Às vezes a melhor fuga para a dor é uma dor maior  
Que lhe arranque de si e encha seus olhos seus ouvidos e sua boca  
Até não saber mais onde fica a superfície.

Ninguém além da voz interior que a acusa sem parar  
Preguiça do quê, preguiça por quê se você não faz nada  
Se só há o nada nada nada.

Sim. não trabalho. não tenho filhos.  
Como que posso  
dizer não?

Cuida de um, cuida de dois  
Por que não cuida  
de mais um?

Queria ser um passarinho daqueles pequenos  
Pra ganhar comida na boca e esperar quentinha o tempo passar  
Mas acho que mesmo se fosse passarinho teria medo  
de cair sem saber voar.

Lembra quando você passava pela ponte  
E sonhava com o dia em que teria coragem de pular.  
Mas aí o torpor químico tapou  
O sol com a peneira.

Será que se tivesse tido filhos  
Eles também diriam  
Que nunca tiveram uma mãe feliz?

Cuidar e ser cuidada  
O que transpõe uma coisa pra outra?

E quando quem cuida machuca e bate e destrói

E quando ser cuidado dói porque é como limpar um machucado que se refaz toda vez que você toca e sangra

sangra

sangra

Por que eu só escrevo histórias tristes?

*Setembro, 2021.* Terminei a leitura de *O Hospício é Deus - Diário I*, de Maura Lopes Cançado. Demorei pra ler, meses e meses. Porque às vezes seu relato me doía, às vezes me entediava, às vezes era demais. Junto dela, trago também um poema que escrevi nas bordas e versos de folhas rabiscadas para a escrita deste trabalho.

Maura incomoda. Tem uma visão aguda e perspicaz sobre o hospício, descreve às vezes cruamente, às vezes narra cenas tão absurdas - absurdas porque sem sentido, loucas, cotidianas - que me fez rir até chorar. Sabe do seu potencial, mas sofre. E não tem o luxo de ser louca e escritora famosa, como muitos homens por aí. Porque sua loucura incomoda. É dura com aqueles que gostam dela, e sabe disso, às vezes quer puni-los, quer punir a si mesma.

Diz um trecho de um dos processos no seu nome, do ano de 1972, no perfil biográfico feito pelo jornalista Maurício Meireles:

[...] salta à evidência, no relato de sua curva vital, da necessidade de teatralizar os acontecimentos, de chamar a atenção sobre si mesma, de tornar-se o centro das atenções e dos acontecimentos.

Que perigo, querer ser atriz da própria vida.

E, aqui, um trecho dela, Maura por Maura:

Aqui estamos nesta sarabanda alucinada. Nós, mulheres despojadas, sem ontem nem amanhã, tão livres que nos despimos quando queremos. Ou rasgamos os vestidos (o que dá ainda um certo prazer). Ou mordemos, Ou cantamos, alto e reto, quando tudo parece tragado, perdido. Ou não choremos, como suprema força - quando o coração se apequena a uma lembrança no mais guardado do ser. Nós, mulheres soltas, que rimos doidas por trás das grades - em excesso de liberdade. (CANÇADO, 2016, p. 76)

## **A escrita ficcional como método: algo vibra no limite das bordas**

*Cresci através da soma de coisas vistas ou  
ouvidas ou lidas ou rabiscadas, nada mais.*

Elena Ferrante

Por que escrever histórias? Apesar de ter uma relação íntima com a literatura e com a escrita desde criança, sempre fui um pouco reticente em me ver na posição de autoria - me considero uma leitora, acima de tudo. A literatura foi e tem sido parte do meu processo de construção de um lugar subjetivo, espaço de descoberta e de abertura, em que busco e encontro caminhos para tentar, de alguma forma, inventar formas mais livres de habitar o mundo.

Em uma reflexão mais cuidadosa, dou-me conta de que minha proximidade com a leitura sempre esteve ligada a uma aventura pela escrita. Lembro de ter uns dez anos e andar por aí com um caderninho em que escrevia poesias, lendo elas em voz alta pra quem quisesse ouvir - ou para quem não conseguisse escapar das minhas obras inéditas que tinham títulos e temas nada simples como “Amor”, “Amizade”, e por aí vai. Também sempre mantive diários, agendas, cadernos em que registrava passagens de livros ou músicas queridas. De certa forma, fui deixando rastros da minha existência nessas palavras, ao mesmo tempo coletando delas vestígios com os quais fui tecendo caminhos desde a infância.

Então talvez não seja uma grande surpresa o fato de que a leitura e a escrita que sempre me acompanharam me apresentassem novas formas de construir um processo de pesquisa e de indagação metodológica. Jorge Larrosa (2003) ao refletir sobre o lugar do ensaio na tradição da escrita acadêmica, nos diz que “não há modo de ‘pensar de outro modo’ que não seja, também, ‘ler de outro modo’ e ‘escrever de outro modo’”. Gostaria de inverter essa ideia propondo que, ao ler nossas referências e escrever nossas pesquisas de outro modo, podemos pensar de outro modo, nos deixando levar pela trilha das palavras mas também nos permitindo pegá-las nas mãos, torcê-las, misturá-las para compor novos textos e novos sentidos.

Reforço aqui o que talvez já tenha ficado óbvio - para construir a reflexão a que me proponho, não vamos partir de uma relação hierárquica entre ficção e verdade. Não importa se Cláudia e Maria existem, se as conheci, se suas falas e experiências são próprias de uma única vida ou de muitas vidas personificadas em duas personagens. Essa renúncia não implica, contudo, que suas histórias não sejam importantes, ou que aquilo que trazem não

encontre correlatos e manifestações naquilo que convencionamos chamar de “mundo real”. Na verdade, é justamente ao abandonarmos a pretensão de saber o que é esse mundo real e suas questões “verdadeiras”, que a ficção afirma e fortalece a complexidade da realidade sem a intenção de conhecê-la por completo e de uma única forma.

Pensando na tradição das pesquisas em Psicologia - e de outras disciplinas que se propõem a contar histórias sobre a psique humana e sobre as vidas entendidas como fora da lei ou da norma -, encontramos essa busca pela totalidade, pela nomeação absoluta do que se passa com esses corpos. Ecoando a proposta de Luis Antonio dos Santos Baptista (2010, p. 105), movemo-nos em outro sentido, ao interrogar metodologias de pesquisa “cuja luz desvela, liberta, mas aniquila o que resiste a uma concisa conclusão”. Não quero, portanto, interpretar Maria e Cláudia ou contar suas vidas por inteiro, mas, sim, ensaiar uma forma de pesquisa em que não saímos ilesas do encontro com suas histórias.

A ficção articula, assim, uma ética de pesquisa inseparável da estética e da política, aproximando-se de um fazer cartográfico, de um pesquisar que se constrói no processo de escrita. Considero que há uma enorme potência nessa forma de produzir conhecimento que dá lugar para o devaneio, para os deslizos e para as contradições. Neste sentido, meu encontro alegre com o uso da escrita ficcional na pesquisa em Psicologia Social abriu possibilidades de criar um modo de escrever e pesquisar capaz de dar corpo a problemáticas difíceis de serem apreendidas pelas palavras - e que, ao renunciar à busca de um ideal de objetividade ou generalização, acolhe e expressa a complexidade das infinitas formas de estar e agir no mundo. (BOTTONI & COSTA, 2018).

O uso da ficção como estratégia agenciada à problematização de um campo de pesquisa nos permite a complexificação do “objeto”, dar densidade às suas virtualidades que não cabem nos limites postos por sua representação atual: ultrapassar a descrição estrita do “dado” adentrando nos meandros fugidios dos acontecimentos e seu intrincado campo de possibilidades. (COSTA, 2014, p. 558)

Penso que agora é um bom momento para introduzir a questão que gostaria de explorar neste exercício ficcional, que é a clínica. De certa maneira, meu início de experiência nesse campo foi tecido por histórias, por encontros intensos, por vezes doloridos e inquietantes, cujos efeitos perduram e não são de fácil elaboração. Ocupar tantos lugares de escuta - pois acredito que esse lugar nunca é o mesmo, constituindo-se numa relação sempre em transformação - foi como me aventurar por caminhos sem mapa, senti-me atravessada e despedaçada e reconstruída mil vezes. Essa escrita é, então, uma forma de buscar recolher os ecos, as impressões, os restos e memórias desses encontros, na tentativa de registrar essas

histórias e dar algum tipo de contorno que possibilite algumas elaborações teóricas para pensar a articulação entre a clínica e a metodologia das narrativas ficcionais. Esse contorno nunca se fecha, sendo provisório na medida em que existem infinitas formas de entrelaçar escuta e escrita.

Mapear os afetos advindos dessas experiências é um desafio. Neste percurso, muitas vezes me questioneei sobre como escrever tais encontros sem apenas escrever *sobre* eles ou me preocupar em contá-los de uma forma fidedigna, subvertendo uma lógica de captura para criar novas possibilidades de relação com essas “existências-relâmpagos”, com esses “poemas-vida” (FOUCAULT, 1977/2006), que poderiam ter passado sem deixar nenhuma impressão, mas que, ao colidirem comigo das mais diversas formas e intensidades, deixaram marcas profundas.

Há outro aspecto que também considero importante para pensar por que Cláudia, Maria, Maura e as vozes que elas ecoam aparecem agora nesta escrita. Foucault (1977/2006, p. 207), ao se deter nos registros do que ele chama de vidas infames, diz que “o que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto”. A clínica é um espaço de encontro com o poder, em que os corpos que chegam para serem escutados, bem como quem escuta, são atravessados tanto pelos estigmas da loucura e do capacitismo, quanto por relações de raça e de gênero, estruturantes e estruturais na sociedade brasileira, entrelaçadas nos modos de ser e existir (MIRANDA et al., 2021).

As escutas e as experiências que compõem as narrativas ficcionais construídas neste trabalho refletem uma inquietação, da minha parte, com as repetições nos relatos das mulheres que buscavam atendimento durante experiências de estágio - quando me dei conta que estava atendendo predominantemente mulheres, as quais por sua vez eram em sua maioria pobres, brancas e heterossexuais. O que, em um primeiro momento, apresentou-se como uma semelhança de diagnóstico, de sintomas e até de prescrições medicamentosas, foi-se abrindo para aproximações de histórias de vida, para experiências de estar no mundo que, se são marcadas pelo sofrimento psíquico, não é devido a uma determinação biológica. Construções teóricas de diversos campos contribuíram para uma narrativa sobre o sofrimento das mulheres, centrada na ideia de um “feminino orgânico louco”<sup>1</sup>, reforçando uma diferença entre os sexos que acaba por hierarquizar as mulheres, aliada também a discursos racistas e

---

<sup>1</sup> Tal ideia de um feminino orgânico louco foi historicamente atribuído a mulheres cisgênero.

higienistas que postulavam a inferioridade das mulheres negras (PASSOS & PEREIRA, 2017). Ainda, esse tipo de narrativa recai em uma essencialização de categorias que serve para justificar a violência e a patologização de formas de vida, dificultando o acesso de mulheres trans, por exemplo, a um cuidado integral e humanizado.

Como pensar criticamente, então, os modos de narrar a clínica? A pista dada por Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos (2009, p. 151) é bem-vinda, ao apresentarem como política da narratividade “uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece”. Essa tomada de posição é sempre política e não pode ser desvinculada de qualquer produção de conhecimento. Ao falar de clínica e de pesquisa, estamos falando de narrativas - como contamos os encontros que nos acontecem, a quem endereçamos essa narrativa e que efeitos isso tem no fortalecimento ou na destruição de um modelo de cuidado e de promoção de saúde e cidadania.

Uma estratégia possível para discutir um caso clínico seria narrá-lo de forma redundante, tomando-o como padrão de algo do social, cujo sentido é incontestável e está óbvio para quem quiser ouvir (BARROS & PASSOS, 2009). Uma história única narrada com o intuito de ilustrar fenômenos, encadeados por uma linearidade causal e temporal em que se supõe um sujeito estável e acabado. Narrativas individualizadas e homogêneas, com explicações previsíveis que reiteram universalizações de estruturas e leituras clínicas. Podemos pensar que tais narrativas reforçam uma concepção de clínica asséptica, que toma o caso como fechado em si mesmo, baseando-se em uma separação entre o sujeito e o social, em que a história individual é concebida como uma forma bem delimitada e preponderante para a explicação do sofrimento psíquico.

Sinalizo aqui outro risco que podemos relacionar com uma narrativa redundante acerca de um caso clínico. A escritora Chimamanda Adichie (2009), em sua conferência intitulada “O perigo da história única”, discute a fabricação de narrativas únicas sobre um povo (contadas do ponto de vista hegemônico do colonizador) como uma estratégia de poder que desumaniza e silencia as diferenças e as potencialidades de um grupo. A história única cria estereótipos e uma narrativa que se apresenta como definitiva. Os estereótipos associam aquilo que é denominado como “loucura” com improdutividade e incapacidade de viver em sociedade, e estabelecem uma predisposição natural das mulheres cis a desenvolverem transtornos e a terem corpos mais frágeis (FARIAS, 2017). Também se atualiza uma narrativa racista da delinquência e da criminalidade, associada com o encarceramento em massa da população negra brasileira, inclusive de mulheres (FARIAS, 2017).

Vamos apostar em outro procedimento narrativo para delinear a metodologia das narrativas ficcionais em sua interlocução com a clínica. A desmontagem, outra forma de narrar, dá-se através da constituição de um plano de dissolvência que desestabiliza o caso gerando fragmentos de sentido, os quais permitem traçar uma linha de criação para outros territórios existenciais (BARROS & PASSOS, 2009). Assim, desmontar o caso permite a multiplicação das formas de se deixar afetar e, por conseguinte, de narrar, interrogando o que hegemonicamente se toma como regra para permitir que outros caminhos apareçam.

As histórias que conto aqui, portanto, são tentativas de dar contorno ao que escutei, senti, estranhei ao me experimentar nesse lugar de escuta. Para isso, poderíamos nos propor a apresentar o caso da forma mais fidedigna possível, listando sintomas, discutindo hipóteses diagnósticas e intervenções - o que, não me entenda mal, poderia ser interessante. Mas, ao apostar nas narrativas ficcionais, queremos ensaiar outro caminho para pensar sobre o cuidado em saúde mental e os processos de produção de sofrimento, na medida em que vamos “tateando pelas singularidades das vidas, dando corpo às pequenas reentrâncias dos cotidianos e das experiências” (BOTTONI & COSTA, 2018). Para além de revelar um sentido ou buscar uma verdade sobre a clínica ou sobre as pessoas que escutamos, arriscamos em “multiplicar as linhas possíveis, criando brechas, fissuras, naquilo que era impensável, naquilo que adentra ao espaço das afetações” (MIRANDA et al., 2021). O procedimento narrativo da desmontagem enseja a profusão de mil casos no que, sob outro olhar, pareceria um só, relevando a espessura política da realidade do caso e o caráter sempre público da clínica (BARROS & PASSOS, 2009).

A pesquisadora argentina Gabriela Ravetti (2002) desenvolve o conceito de narrativas performáticas, as quais seriam tipos de textos escritos que compartilham traços da performance artística; um desses traços seria a exposição radical do sujeito que enuncia e do seu local de enunciação. Brincando um pouco com esse conceito, sem a pretensão de entrar no tema da performance e sua relação com a literatura, pego emprestada a ideia para afirmar que, na escrita ficcional que arrisquei produzir, estou completamente mesclada com cada personagem, cada cena e cada situação, de forma mais ou menos explícita. Pode parecer que estou dizendo uma obviedade - uma vez que parto da minha experiência de escuta e que, felizmente, não sou apenas um par de ouvidos ambulantes - mas acredito ser importante recusar qualquer expectativa de neutralidade, pois meu corpo e minha subjetividade estão entrelaçados em cada palavra, como “uma sombra que se insinua, aparece com alguma nitidez e se metamorfoseia, confunde-se e se mistura na ficção” (RAVETTI, 2002, p. 48).

A escrita performática mescla elementos criados pela ficção com outros elementos pessoais de quem escreve, em um gesto que transborda o ficcional e convoca os agenciamentos coletivos, na medida em que o espaço poético é entendido como a tentativa de criação de uma experiência de leitura individual e coletiva (RAVETTI, 2002). Guattari (1996) aponta que a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação, que não correspondem a uma entidade propriamente individual ou social, mas, sim, que remetem a efeitos de linguagem na composição e recomposição de forças, práticas e relações, que desmancham a separação entre sujeito, objeto e expressão. A narrativa de um caso, neste sentido, nunca remete a um sujeito, mas institui-se como agenciamento coletivo de enunciação, que remete a uma experiência coletiva no plano do comum, em que estamos engajados pelo que em nós é impessoal e político (BARROS & PASSOS, 2009). Neste sentido, essa experiência coletiva comum, que se relaciona com a emergência de agenciamentos coletivos de enunciação, remete a processos de subjetivação intrincados às práticas de poder que, inscrevendo-se nos corpos, não se dão apenas em um nível individualizado.

Em seu texto chamado “A literatura e a vida”, Deleuze (1997) afirma que a literatura, embora remeta a agentes singulares, é agenciamento coletivo de enunciação, que descobre “sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau”, na medida em que as personagens são convocadas, a partir dos seus traços individuais, a um devir que não se dá no encontro com uma forma, mas com uma zona de indiferenciação, de inacabamento, permitindo a invenção de novas possibilidades de vida. As falas, as cenas e os acontecimentos relatados nas narrativas ficcionais não importam apenas enquanto eventos isolados; o que é meu e o que é delas se une e se desfaz, em um território estranho que nos permite identificar as sutilezas cotidianas da crueldade e da potencialidade de suas existências (MIRANDA et. al, 2021).

Sandra Azerêdo (2010) discute a potência da literatura como metodologia de produção de conhecimento, retomando a afirmação de Joan Scott de que o literário revela a contradição e a complexidade das produções discursivas sobre a experiência e sobre o encontro com a diferença, sem pretender eleger uma narrativa como a única ou a mais importante para isso. A autora aponta a dificuldade das pesquisas em psicologia de tratar os conceitos de uma forma não totalizante e disciplinar, especialmente no que se refere às teorizações sobre gênero. Para isso, vale-se da noção de performatividade de gênero de Judith Butler, que seria “a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que



nomeia”, em um processo de materialização no corpo das significações normativas do que seria uma mulher, um homem, etc. O gênero ganha concretude conforme o praticamos, não constituindo uma essência em si, mas um conjunto de práticas que materializam, em um certo momento histórico, aquilo que será entendido como ser mulher, por exemplo.

Ou seja, o caráter performativo das dinâmicas de poder dentro dos discursos hegemônicos resulta na capacidade de tais discursos definirem a condição de existência dos sujeitos em um determinado tempo - ao determinar o que é saúde, o que é feminino etc. (RAVETTI, 2002). Tais condições de existência refletem circunstâncias históricas, sociais e também pessoais, que compõem a história singular do sujeito e acabam assumindo um certo padrão, refletindo uma identidade que se apresenta como estável. Contudo, quando atentamos para a multiplicidade de discursos e relações de poder que atravessam os nossos corpos cotidianamente, sobre os quais nós também agimos e transformamos, podemos partir de uma ideia de identidade sempre provisória e nômade, “compreendida como um processo e construída nos gestos que a colocam como ancoradouro de práticas sociais e discursivas” (OLIVEIRA, 2014, p. 200).

A sobredeterminação dos discursos entrava as possibilidades de criar e assumir posições identitárias não condicionadas de antemão pelo poder; ao entendermos a representação das identidades como um movimento de constante rearranjo, sempre inacabado, tomando consciência da condição produtiva e performativa do poder, podemos criar estratégias de emancipação (RAVETTI, 2002). A literatura, a escrita, a arte no geral possibilitam a criação de novos enquadramentos para as histórias e para as experiências, desbravando caminhos para questionarmos as narrativas que tomamos como dadas e fechadas, esgarçando os limites das palavras e da imaginação de mundos.

Retorno aqui ao procedimento narrativo da desmontagem, que, ao fazer vibrar os limites da forma de um caso, implica na quebra de um território identitário - “quebrar não apenas o narrado, mas sobretudo os encadeamentos que constituem o modo de narrar.” (BARROS & PASSOS, 2009). No que implica essa quebra identitária? Ao apostar em uma forma de registrar as impressões da clínica que consiga dar a ver o caráter poroso entre a ficção e a realidade, podemos olhar criticamente para o modo como a psicologia, como campo de saber e de produção de verdades, muitas vezes reitera categorias fixas e totalizadoras que contribuem para a organização das formas de dar sentido à nossa existência que estão disponíveis para nos considerarmos sujeitos. A escrita permite, assim, alargar as possibilidades de vida, desmontar estereótipos e cristalizações que causam sofrimento.

Deleuze afirma que a literatura está do lado do inacabado e pode ser entendida como um empreendimento de saúde. O/a escritor/a, nesse sentido:

“goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles?” (DELEUZE, 1997, p. 14)

Literatura e clínica se entrelaçam também nesse ponto, tomadas como empreendimento de saúde. Ouvimos coisas fortes demais, ficamos com os olhos vermelhos e os tímpanos perfurados. Ficcionalizar essa escuta não implica em escrever no lugar das pessoas que escutamos, mas em escrever o encontro, os afetos que surgiram. Implica também mapear questões que, em uma narrativa hegemônica sobre sofrimento psíquico, muitas vezes são desconsideradas. Não se tem a pretensão de um entendimento absoluto sobre o/a outro/a - reconhecemos os limites da clínica no que diz respeito a violências estruturais e estruturantes da nossa cultura. Contudo, a potência reside justamente na sutileza das possibilidades que a escrita ficcional tem de ser um empreendimento de saúde que instiga a imaginação de uma clínica cada vez mais crítica e libertadora.

## Algumas (in)conclusões

*Estou brincando há muito tempo de inventar,  
e sou a mais bela invenção que conheço.*

Maura Lopes Cançado

Tentei depositar nesta escrita alguns vestígios de escuta, esses ecos que teimaram em insistir e permanecer comigo ao longo do tempo, dançando e apalpando os cantos da memória. Guardei comigo cada uma das histórias que escutei, cada voz que confiou em mim para enunciar algo de seu sofrimento, seja em palavras ou no silêncio dos gestos e dos olhares. Quis mapear os afetos, experimentar formas de escrever essas experiências, não para capturá-las, mas para que elas pudessem falar por si mesmas, ao invés de se falar sobre elas; busquei por uma forma de escrever que fosse um escrever *com*, mergulhando por inteiro nos vestígios dessas escutas. Que possam servir para alguma coisa ou não servir para nada, que sejam livres para pousar em outros lugares e ganhar outros contornos. E, principalmente, que não sejam as únicas histórias, que existam muitas outras palavras que criem os desvios capazes de revelar a vida nas coisas (DELEUZE, 1997).

Há um abismo narrativo na nossa cultura que invisibiliza o trauma decorrente da violência de gênero, frequentemente banalizada e silenciada de forma a não ter lugar de reconhecimento social - violência cometida contra as mulheres, bem como contra sujeitos que escapam à performance de gênero binária e heterossexual (DANTAS et. al, 2020). Há, ainda, a negação da herança escravagista e colonial que estrutura a sociedade brasileira - negação empreendida por nós, pessoas brancas, beneficiárias dos privilégios simbólicos e econômicos do racismo e da escravização. A escritora Grada Kilomba (2020), ao explorar a realidade psicológica do racismo cotidiano, também situa essa experiência no registro do traumático, no contato com a barbaridade violenta do mundo branco e a irracionalidade do racismo.

Um trauma cultural se reatualiza toda vez que insiste em não ser visto. A clínica, como espaço de poder, é muitas vezes o lugar em que esses traumas são negados e repetidos, em que o sofrimento psíquico é lido de forma ahistórica e normativa, desconsiderando as questões de raça, gênero, classe e tantas outras que compõem as formas de subjetivação. Como quase-psicóloga, defendo uma clínica que seja emancipadora e crítica, aliada a um feminismo antirracista, anticapacitista, antimanicomial e antiproibicionista.

Sendo a clínica e a pesquisa indissociáveis de uma política da narratividade (BARROS & PASSOS, 2009), escolhi explorar uma forma de narrar a clínica que desse

espaço para a criação, para a desnaturalização de conceitos e posições que nos acostumamos a assumir quando falamos da nossa escuta, preocupando-nos em tecer grandes articulações teóricas que deem conta de explicar a pessoa à nossa frente. Acompanhada por autoras e autores que também investigaram, antes de mim, a potência da ficção como método dentro da psicologia, ao ficcionalizar minhas experiências de escuta, busquei entrelaçar, e não negar, minha subjetividade a cada palavra. Para isso, arrisquei compor narrativas a partir da singularidade de meu encontro com mulheres na clínica, na forma de conto, poesia, registro de leituras, no sentido de cartografar os processos de subjetivação percorrendo como a violência de gênero está associada à produção do sofrimento psíquico e, ao mesmo tempo, como linhas vitais que insistem em nutrir outros modos de ser e viver.

A potência da literatura e da escrita para mim sempre esteve ligada à possibilidade de encontrar novos mundos e também de me deparar com palavras e vivências que eu mesma poderia ter escrito, num jogo de encontro-desencontro, de semelhança-diferença daquilo que é meu e o que é da outra. Ler e escrever permitem que eu me encontre comigo mesma, com meus preconceitos, sentimentos e desejos, mas, também, que eu me afaste de mim, aberta à transformação. Ainda, a literatura tem a função de transmitir aquilo que não se inscreve na cultura, que é constantemente apagado e minimizado:

Cria-se, dessa forma, um tensionamento entre a ferida escondida pelas gazes, no anonimato dos estereótipos, e a narrativa que insiste em trabalhar com a ferida, tornando a potência criativa capaz de transformar os lugares comuns aos quais nos habituamos, capaz de transmitir algo da experiência pelas palavras, formando a extensão de uma rede que convoca mais leitoras a puxar e a tecer o fio narrativo da experiência traumática. A ferida, causadora de um sofrimento silencioso, pois não reconhecido, ponto-cego e vórtice de nossa cultura, torna-se, nesse sentido, fonte de criação. (DANTAS et. al, 2020, p. 278).

As feridas da nossa cultura, aquilo que segue se reatualizando mesmo quando é omitido ou silenciado, latejam e deixam marcas que não podem constituir pontos cego-surdos nas nossas teorias ou na nossa escuta. A clínica é um dos espaços de cuidado e acolhimento dessas feridas e também o lugar em que nos encontramos com nossas próprias questões. Deixo aqui esta escrita como um ensaio de sutura inacabada, para que as palavras encontrem novos meios de se unirem à nossa carne.

## Referências Bibliográficas

ADICHIE, C. **O perigo de uma única história**. TED, 2019. (19m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>.

AZERÊDO, S. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Estudos Feministas**, v.18, n. 1, p. 175-288, 2010.

BAPTISTA, L. A. dos S. Noturnos urbanos. Interpelações da literatura para uma ética da pesquisa. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 1, pp. 103-117, 2010.

BOTTONI, F. D.; COSTA, L. A. Ética ficcional-cartográfica: a procura humilde e a força frágil. **Quaderns de Psicologia**, v. 20, n.1, p. 89-100, 2018.

CANÇADO, M. L. **Hospício é Deus: Diário I**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, p. 551-576, 2014.

DANTAS, T. S.; DA ROSA, L. A. S.; SOUSA, K. J. da S.; KESSLER, H. P.; THONES, A. P. B. Narrar é encadear tempos e espaços perdidos: violência de gênero e trauma em *Um amor incômodo* de Elena Ferrante. **Criação & Crítica**, n. 27, p. 264-284, 2020.

DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 11-16.

FARIAS, I. Nem loucas, nem criminosas: “A resistência da luta feminista frente aos modelos de controle”. In: PEREIRA, M. O. e PASSOS, R. G. (org.). **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, p. 101-109.

FERRANTE, E. **Frantumaglia: os caminhos de uma escritora**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

FONSECA, T. M. G.; Costa, L. A.; Cardoso Filho, C. A. & Garavelo, L. M. C. Narrativas das infâmias: um pouco de possível para a subjetivação contemporânea. **Athenea Digital**, v.15, n.1, p. 225-247, 2015.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.203-222.

GUATTARI, F. Micropolítica do facismo. In: **Revolução Molecular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 173-190.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020, p. 19-30.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.

LIMA, F. Vidas pretas, processos de subjetivação e sofrimento psíquico: sobre viveres, feminismo, interseccionalidades e mulheres negras. In: PEREIRA, M. O. e PASSOS, R. G. (org.). **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, p. 70-86.

MIRANDA, G. C.; OLIVEIRA, A. C. O.; RODRIGUES, B. M.; CARDOZO, J. M.; PALOMBINI, A. L. **Travessias assonantes: a trajetória de mulheres acompanhadas pelo ATnaRede**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81694>>.

OLIVEIRA, E. C. S. Contando histórias e inventando metodologias para discutir a violência contra as mulheres. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 1, p. 195-214, 2014.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 150-171.

PASSOS, R. G.; PEREIRA, M. O. Luta antimanicomial, feminismos e interseccionalidades: notas para o debate. In: PEREIRA, M. O. e PASSOS, R. G. (org.). **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, p. 25-46.

RAVETTI, Graciela. Narrativas performáticas. In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (org.). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras UFMG/Poslit, 2002, p. 47-68.